

# **A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA E AS NOVAS**

## **TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO:**

### **UMA JANELA DE OPORTUNIDADES**

JOÃO EMANUEL CABRAL LEITE<sup>1</sup>

A leitura da mais recente literatura especializada sobre o impacto das tecnologias no futuro das bibliotecas universitárias conduz-nos a diferentes cenários como, por exemplo, o seu desaparecimento puro e simples, a sua musealização, a sua substituição por outro tipo de entidades com ligações fortes às tecnologias da informação, a sua transformação em bibliotecas totalmente digitais, entre outros.

Neste texto, não vamos referir cenários virtuais nem tão-pouco tentar perspetivar o futuro. Vamos falar da biblioteca académica ou universitária real, da atualidade, do mundo globalizado e tecnológico, partindo de uma base muito concreta que é a experiência vivida no terreno e o conhecimento

---

<sup>1</sup> Diretor de Serviços de Documentação e de Sistemas de Informação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

objetivo daquelas que são as reais necessidades e exigências da comunidade académica, quando esta se dirige à biblioteca para solicitar os seus serviços.

Começemos por recuar no tempo e viajemos até 1984, ano em que foi publicado um interessante trabalho sobre o impacto das novas tecnologias da informação no futuro da edição, do livro e das bibliotecas. *The end of libraries*, de James Thompson é uma das primeiras obras de fundo sobre as potenciais ameaças, mas sobretudo sobre os desafios e oportunidades que a combinação entre computadores e comunicações poderia trazer à indústria e mercado do livro e, portanto, ao futuro das bibliotecas.

No capítulo justamente intitulado *The end of libraries* são enumeradas aqueles que, na altura, se previa virem a ser as novas funções, os novos serviços, os novos desafios para a Biblioteca do ano 2000, que passamos a citar:

- "1. As bibliotecas serão necessárias para fornecer o acesso em linha a recursos eletrónicos, aos utilizadores que, por alguma razão, não disponham dos seus próprios terminais.
2. As bibliotecas serão centros nos quais, pessoal altamente qualificado, estará disponível para apoiar na exploração de recursos oferecidos pelas bases de dados e bancos de dados.
3. As bibliotecas servirão de "centros de impressão" já que as impressoras de alta velocidade não estarão facilmente disponíveis a todos os utilizadores.
4. As bibliotecas continuarão a ser responsáveis pela gestão de coleções, catalogação e indexação de materiais especializados para uso local.

5. As bibliotecas terão um papel importante na disponibilização, gratuita ou a custos reduzidos, de materiais adquiridos a “editores eletrónicos”.

6. As bibliotecas construirão, em benefício dos seus utilizadores, perfis de interesses que periodicamente serão comparados com os documentos recentemente adicionados às bases de dados primárias.

7. Durante o período de transição (que poderá ser de muitos anos) entre os sistemas atuais e um mundo inteiramente eletrónico, as bibliotecas estarão envolvidas na integração do processamento de materiais impressos e do processamento de materiais eletrónicos.

[...]

8. As bibliotecas continuarão a fornecer livros e outros materiais, mas aumentarão substancialmente a qualidade dos seus serviços de informação -um serviço de perguntas/respostas de alta qualidade baseado numa vasta enciclopédia eletrónica partilhada.” (Thompson, 1984: 109,110)”

Vinte e cinco anos separam o texto que acabámos de ler da realidade que atualmente se vive nas bibliotecas em geral e nas bibliotecas universitárias em particular. Entre o que então se perspetivava e aquilo que veio efetivamente a acontecer existe uma diferença radical, diferença essa que dá pelo nome de INTERNET.

Hoje, não podemos dissociar a biblioteca convencional da grande Biblioteca Virtual Universal que é a INTERNET. A INTERNET não significa somente a possibilidade de acesso a grandes volumes de informação, significa sim, acima de tudo, a possibilidade de, utilizando um conjunto de tecnologias, se poder disponibilizar um leque diversificado de serviços de qualidade aos utilizadores que, no local ou remotamente, têm necessidade de recorrer à Biblioteca.

É neste contexto que a biblioteca universitária se deve movimentar, acompanhando o ritmo frenético de desenvolvimento tecnológico do mundo atual, prestando, para tal, um valioso contributo, através da oferta de um conjunto alargado de serviços e recursos à comunidade académica que serve, a qual, ao utilizá-los, ficará em condições de poder gerar novo conhecimento, contribuindo, assim, por seu turno, para manter o ciclo de desenvolvimento.

A nossa sociedade tem na informação e no conhecimento os seus principais bens de consumo – produtos com valor acrescentado que geram riqueza e contribuem decisivamente para o desenvolvimento científico e socioeconómico do mundo moderno. A biblioteca universitária é o grande “hipermercado” desses produtos e tem que saber usar os meios de que dispõe para os fazer chegar aos consumidores com eficácia, qualidade e em tempo útil. Estes três parâmetros poderiam ser exaustivamente dissecados mas, no contexto presente, essa omissão deliberada não altera o objetivo central em análise.

O domínio das tecnologias e dos recursos disponíveis, nomeadamente da INTERNET, com o fim último de assegurar que a informação seja utilizável, que esteja disponível e se torne facilmente acessível, revela-se de importância vital para a sobrevivência de bibliotecas, serviços de documentação e arquivos, cuja atividade se encontra cada vez mais centrada na disseminação da informação e na gestão do conhecimento.

Sem receio de errar, podemos afirmar que as novas tecnologias da informação e a sua utilização como importantes instrumentos de inovação, renovação e desenvolvimento vieram reforçar a tradicional missão da Biblioteca Universitária:

Desenvolver, promover e facultar à comunidade académica o acesso aos recursos bibliográficos e documentais necessários ao ensino e à investigação, e contribuir, interna e externamente, para uma mais vasta transferência do conhecimento, através da cooperação com instituições similares.

Os novos mecanismos de acesso à informação e ao conhecimento vieram não só facilitar o cumprimento dessa missão, mas também abrir portas à descoberta de novas áreas de intervenção, aumentar os níveis de qualidade dos serviços ao utilizador, incrementar a disseminação de um conjunto diversificado de recursos, melhorar a comunicação institucional e com os utilizadores, conduzindo, inevitavelmente, à criação de novos e melhores serviços, valorizando a comunicação da informação e a relação com os leitores.

Essa missão, agora facilitada pelos meios tecnológicos que a biblioteca universitária tem à sua disposição, materializa-se, obviamente, num conjunto de objetivos que orientam a sua atividade para a procura, para descoberta, para o acesso e para a comunicação, relegando para um plano secundário

aquele que era, até há bem poucos anos atrás, o tradicional paradigma exageradamente técnico e custodial.

A biblioteca universitária real, objetiva, interventiva concentra, atualmente, as suas responsabilidades ao nível:

1. do apoio ao ensino e à investigação e da eficácia no acesso a documentação e informação de qualidade, independentemente do suporte em que se apresentem, assegurando a disponibilidade dos suportes e dos meios de acesso à informação onde quer que eles se encontrem;
2. da conceção, promoção, disponibilização de novos serviços que respondam com rapidez e eficácia às solicitações dos investigadores, docentes, estudantes e utilizadores em geral;
3. da contribuição para a I&D através da melhoria dos processos de comunicação, gestão e transmissão da informação e registo do conhecimento;
4. do estímulo para novas necessidades de pesquisa e do incentivo à procura, à descoberta e à utilização de informação em formato digital;
5. do estabelecimento de relações de cooperação com organismos externos no âmbito de projetos e programas nas áreas da documentação, da informação e do conhecimento;
6. de uma intervenção ativa na sociedade da informação, através da procura,

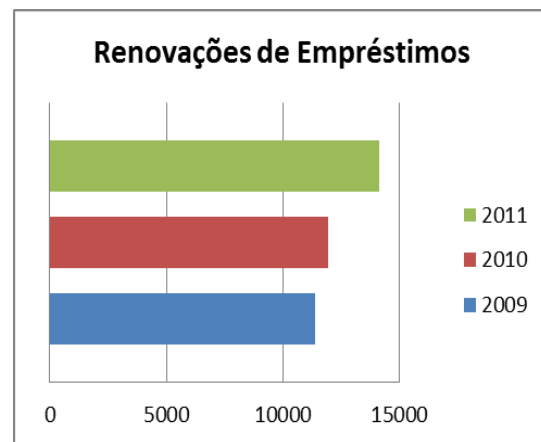
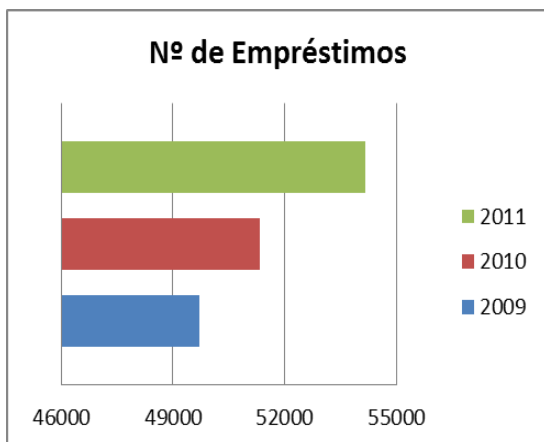
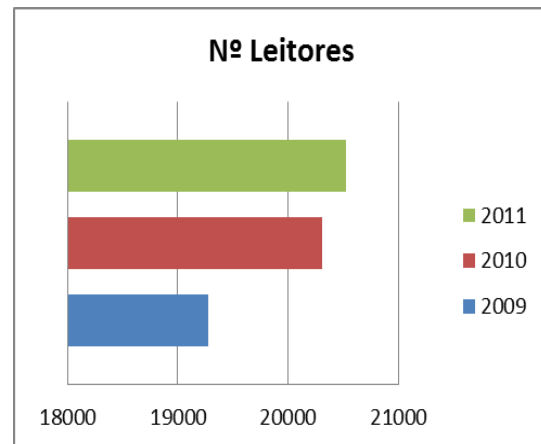
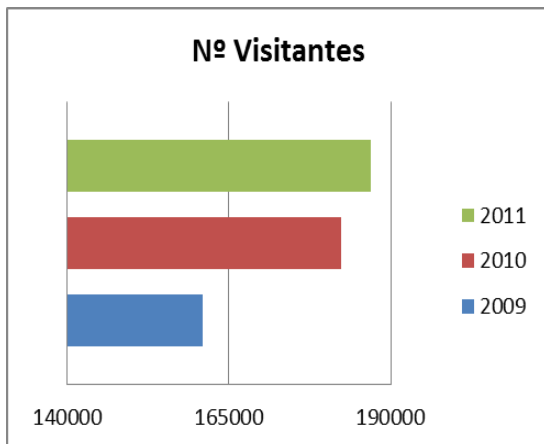
gestão, promoção e difusão do conhecimento.

A biblioteca universitária terá que consubstanciar, nos dias de hoje, um compromisso entre a biblioteca convencional e a biblioteca eletrónica ou digital, ou seja, a biblioteca do livro e do papel, por um lado, e a biblioteca sem paredes, imaterial, por outro, e esse compromisso passa, naturalmente, por mudanças profundas que se poderão refletir no que concerne aos espaços, aos recursos humanos, aos recursos materiais mas, acima de tudo, no que se relaciona com os serviços, incluindo a organização e disponibilização das coleções nos seus suportes tradicionais.

Enquanto o utilizador exigir um serviço de qualidade no acesso aos suportes tradicionais; enquanto o utilizador exigir um espaço privilegiado de consulta, leitura e investigação; enquanto o utilizador mostrar necessidade de sentir – e folhear - as coleções, a biblioteca tem de estar em condições de continuar a dar uma resposta eficaz e de qualidade.

A realidade atual confirma essa necessidade. Podemos, aliás, ilustrá-la com alguns dados da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto relativos ao triénio 2009-2011 em que se pode constatar a ainda crescente procura da biblioteca como espaço de consulta e de utilização das suas coleções em suporte físico.

	2009	2010	2011
Nº visitantes	160976	182326	187011
Nº leitores	19275	20313	20524
Nº de empréstimos	49720	51320	54165
Renovações de empréstimos	11370	11945	14130



Os indicadores apresentados permitem-nos confirmar a existência de um equilíbrio e uma estabilidade notáveis em relação à utilização da biblioteca.



Apesar da estabilidade que os dados apresentados revelam em relação ao uso de processos mais ou menos convencionais, a biblioteca universitária mudou radicalmente nos últimos anos e a tendência continua a ser de mudança na descoberta de novos caminhos no acesso à informação, abrindo, cada vez mais, o seu espaço a outros conceitos baseados no desenvolvimento de novas formas de organização, novos ambientes, novas funções e de uma cooperação e convergência muito mais estreitas com outros serviços.

Mesmo para os processos mais tradicionais de tratamento técnico e de acesso ao documento em papel, a biblioteca está cada vez mais dependente do computador e do software de gestão que utiliza. A tecnologia está presente em tudo e constitui um instrumento vital para a atividade da biblioteca não só em termos organizacionais e de gestão mas, principalmente, ao nível da comunicação e da relação entre a biblioteca e a comunidade que a utiliza. E-mail, blogs, facebook, twitter, videoconferência, páginas web, redes wireless são, hoje, recursos que fazem parte do quotidiano da biblioteca que, ao longo dos tempos, tem sabido aproveitá-los, proporcionando enormes mudanças qualitativas que nos levam a afirmar, com toda a convicção, que a biblioteca universitária continuará a ser um dos mais importantes laboratórios de apoio à produção de ciência e conhecimento.

Quando se questiona um estudante universitário, um professor, um investigador sobre o primeiro passo que dá ao iniciar uma nova investigação, a resposta é, invariavelmente, a mesma: "vou à Internet", "pesquisei no google",

com menos frequência “pesquisa no google scholar” e mais raramente “consulto o catálogo da minha biblioteca”.

Pesquisando na INTERNET, o utilizador acabará, naturalmente, por chegar ao catálogo da sua biblioteca, bem como a milhares de catálogos de outras bibliotecas, porque são também estas que alimentam a Web com conteúdos que poderão ser descobertos, adquiridos, trabalhados por elas, sendo que, depois de devidamente tratados, são “oferecidos” à comunidade académica a qual, por sua vez, irá utilizá-los na produção de novos conteúdos.

A descoberta do catálogo da biblioteca poderá inverter a tendência do leitor e do investigador universitário e passar a ser a primeira fonte de informação a pesquisar. Neste caso o utilizador acabará, invariavelmente, por viajar até à Internet, onde irá descobrir todo o tipo de informação relacionada com aquela que encontra nos catálogos.

Mas, a biblioteca universitária, como entidade ativa e interveniente na comunidade académica onde se insere, oferece um conjunto de outros serviços que vão muito para além da simples consulta e utilização das coleções refletidas nos conteúdos dos seus catálogos. Hoje, o utilizador exige uma oferta de informação de qualidade, isto é, atualizada, pertinente e fiável, que poderá não existir dentro das quatro paredes da biblioteca nem estar gratuitamente disponível na Internet. É por isso que, antes de visitar a

biblioteca real, o utilizador visita a página web da sua biblioteca. É aí que tudo começa! É aí que a biblioteca se revela nas suas valências relacionadas com:

1. a gestão, preservação e disseminação de coleções, na sua vertente mais tradicional;
2. a criação e utilização de mecanismos que possibilitem a utilização da biblioteca à distância;
3. a promoção, aquisição, produção, edição, divulgação e preservação de conteúdos digitais;
4. a promoção do livre acesso à informação científica e a verdadeira partilha dos respetivos conteúdos;
5. a formação convencional, a formação contínua presencial e/ou à distância, a promoção de debates, seminários, etc;
6. a intervenção em questões relacionadas com direitos intelectuais e com o controlo de acesso à informação protegida.

Uma vez que o corpo continua a ser o espaço que alberga as coleções e que recebe os utilizadores, a página web e o seu conteúdo correspondem ao rosto

e à alma da Biblioteca. Por regra, é a partir da página web da Biblioteca que o utilizador parte à descoberta dos recursos que ela disponibiliza.

Apesar do incomensurável volume de informação cientificamente fiável, disponível em acesso livre e gratuito na INTERNET, parte substancial da informação científica que interessa à investigação académica não está acessível gratuitamente na web. Embora a biblioteca não seja, atualmente, a única via de acesso a essa informação, ela continua a ser, em termos institucionais, a única entidade capaz de, de uma forma organizada, dar uma resposta fiável, eficaz e de qualidade no acesso a esses recursos.

Então, no contexto atual das bibliotecas universitárias o que é que, concretamente, elas nos podem oferecer?

Para além do acesso às coleções tradicionais constituídas por livros, publicações periódicas, microfilmes, CD-Roms, DVDs, material cartográfico, e todo o tipo de material audiovisual, nos seus suportes tradicionais, a biblioteca universitária terá, obrigatoriamente, de oferecer o catálogo online, onde todos esses materiais estão registados e onde o utilizador poderá encontrar hiperligações que lhe permitam ter acesso a todo o tipo de recursos digitais associados aos registos ou, até mesmo consultar os respetivos textos, em formato digital, caso se trate de uma plataforma que integre, em simultâneo, um repositório de objetos digitais de qualquer natureza ou em qualquer formato.

A integração do catálogo com o Google Books ou com o Google Scholar e com bases de dados de livrarias virtuais como a Amazon, deixa em aberto, qual caixa de Pandora, um leque de oportunidades em termos de pesquisa que constitui uma mais-valia importante para quem depende da informação para o desenvolvimento da sua atividade.

A digitalização de coleções é outra área importante de intervenção da biblioteca universitária, não só ao nível da gestão de processos mas também no que respeita à edição, tratamento e disseminação dos conteúdos através da vulgarmente chamada biblioteca digital.

O compromisso entre a biblioteca convencional e a biblioteca eletrónica, referido anteriormente, parece estar a clarificar-se: a biblioteca é, também, a sua página web, o catálogo online que disponibiliza, os conteúdos digitais que oferece.

E no que a estes serviços diz respeito podemos apresentar, igualmente, alguns indicadores relativos a visitas, novos visitantes e número de pesquisas que se verificaram no triénio 2010/2012 à página web, ao catálogo e à biblioteca digital da Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Os números apresentados ilustram, de forma clara, a utilização que é feita desse tipo de conteúdos:

	Página Web			Catálogo			Biblioteca Digital		
	2010	2011	2012	2010	2011	2012	2010	2011	2012
Visitas	79510	72575	72050	90583	85520	109781	24724	27654	26167
Novos visitantes	23201	21991	22829	19526	20316	57169	15857	17190	17143
Pesquisas	143632	135918	147493	1208067	1208356	1891493	70993	83595	86103

O contributo da biblioteca universitária na promoção do livre acesso à informação tem constituído, desde a Budapest Open Access Initiative, em dezembro de 2001, outro contributo importante e de uma enorme relevância estratégica no sentido da abertura ao mundo dos resultados da investigação que se desenvolve nas universidades e nas instituições de investigação em geral.

A sua intervenção na definição de metadados, na criação de regras para a apresentação dos textos, em defesa da acessibilidade, na disseminação dos conteúdos, na manutenção, edição e atualização das bases de dados e na divulgação dos repositórios institucionais, passa, naturalmente, por uma colaboração muito próxima com serviços de gestão de sistemas de informação cujas competências no âmbito das tecnologias, são vitais para a sobrevivência dessas infraestruturas.

Desenvolvendo um papel importante ao nível da gestão e disponibilização de conteúdos dos chamados repositórios institucionais - bases de dados que integram e disponibilizam a produção técnico-científica da instituição – a biblioteca universitária terá, depois, que saber tirar partido de plataformas como a base de dados e motor de busca BASE (Bielefeld Academic Search Engine), da Biblioteca da Universidade de Bielefeld, na Alemanha, que indexa e permite a pesquisa e a consulta de mais de 37 milhões de textos de cerca de 2400 instituições de investigação, o DRIVER (Digital Repository Infrastructure Vision for European Research), que permite a pesquisa em mais de 340 repositórios europeus que integram cerca de 6 milhões de textos académicos, ou no contexto nacional, o RCAAP (Repositório Científico de Acesso Aberto em Portugal) com quase 500 mil textos, que constituem fontes de informação imprescindíveis para a investigação.

Mesmo num universo iminentemente digital, é do conhecimento geral que a indústria da edição do livro em papel continua em franca expansão. No entanto, grande parte das editoras científicas editam, em simultâneo, os formatos alternativos digitais e divulgam esses formatos em plataformas universais como o google books oferecendo partes substanciais do texto como forma de estimular a compra. Se em relação ao livro, no seu suporte tradicional, temos alguma dificuldade em prever o futuro, em relação à revista científica podemos, com toda a segurança, afirmar que o formato digital venceu, em toda a linha, a edição em papel. A possibilidade de aceder às coleções completas das grandes editoras científicas, através de consórcios de

bibliotecas, a custos bastante mais baixos do que a assinatura em papel levou à substituição rápida do papel pelo digital.

Hoje, as coleções de periódicos científicos em papel existentes nas bibliotecas universitárias começa a ser uma raridade. O baixo custo da assinatura dos formatos digitais, a redução de custos relativos à ocupação de espaço, o acesso na hora aos conteúdos mais atuais, a facilidade de pesquisa são fatores determinantes para a mudança que, a esse nível, se verificou na última década.

O crescimento editorial da revista científica em livre acesso, confirmado pelo aumento sistemático do volume de títulos indexados em portais como a SCIELO (Scientific Electronic Library Online), o DOAJ (Directory of Open Access Journals) ou o Open Science Directory não é incompatível com a integração, nas coleções da biblioteca universitária, das revistas científicas das grandes editoras comerciais. Uma investigação de qualidade não pode dispensar o conhecimento e a utilização dessas fontes cujos custos elevados de assinatura impediriam o investigador de as utilizar, não fossem as bibliotecas a cumprir com a sua missão de responder com um serviço de qualidade aos seus utilizadores, neste caso concreto oferecendo-lhes informação atualizada e de alta qualidade e fiabilidade científica.

A divulgação de grandes volumes de informação em formato digital, o facto de ser vital para a investigação a descoberta de recursos de qualidade e o



conhecimento profundo do mercado da informação conduziram, inevitavelmente, à necessidade de se criar novos serviços mais atrativos e credíveis e de se desenvolver novas valências direcionadas acima de tudo para os utilizadores.

Aumentam as solicitações do empréstimo interbibliotecas, melhoram-se os serviços de referência e de apoio à pesquisa, criam-se novos mecanismos de utilização dos serviços à distância, investe-se fortemente na formação presencial e à distância, criam-se novos procedimentos de apoio à utilização de equipamentos (empréstimo de computadores portáteis) e de outras tecnologias (impressão e digitalização online e em regime de self-service), descobrem-se novos caminhos para a acessibilidade e para a inclusão de pessoas com necessidades educativas especiais.

Não podemos esquecer que a Biblioteca é também quem nela trabalha. As novas tecnologias da informação trouxeram, igualmente, grandes mudanças no âmbito dos recursos humanos. Alterações estruturais e orgânicas verdadeiramente assinaláveis conduzem, naturalmente, a processos de mudança, mais ou menos profundos, nas rotinas das pessoas que, confrontadas com novos modelos, com novos meios, com novas tecnologias, numa sociedade caracterizada pela constante mutação, se veem na “obrigação” de, também elas, evoluírem, adquirirem novos conhecimentos e ganharem novas competências, se quiserem continuar a cumprir com a missão fundamental ligada à profissão que escolheram – bibliotecário.

O nível de exigência da sociedade em geral, e da comunidade académica em particular, obriga a que a equipa da biblioteca adote uma postura de permanente atualização e de aquisição de novas competências que permitam responder a qualquer tipo de solicitação com que venha a ser confrontada. São vários os novos domínios de competência que identificamos nos atuais profissionais da informação e esses domínios integram a informação, as tecnologias, a comunicação, a gestão e um conjunto de outros saberes complementares no âmbito das relações com os utilizadores.

O staff de uma biblioteca universitária tem que dominar os mecanismos de acesso à Internet e as suas tecnologias de base para chegar à informação, saber utilizar sistemas de gestão da informação, recorrer a métodos e a outras ferramentas informáticas para pesquisar e recuperar informação, disponibilizar informação de modo acessível, privilegiando os formatos digitais, conhecer a tipologia dos recursos e saber avaliá-la, conhecer com profundidade a indústria e o mercado da informação, ter a clara perceção de que, hoje, o utilizador não vai à biblioteca só para consultar um documento, um livro, uma revista, um mapa, que exista nas suas coleções, vai para obter informação independentemente do local onde se encontra e do suporte ou formato em que se apresenta.

A biblioteca tem que dispor dos mecanismos, meios e recursos para responder a essa nova postura do utilizador e tem, acima de tudo, de dispor de pessoas

que, com os seus conhecimentos, com as suas competências, possam dar uma resposta eficaz, fiável e de qualidade a esse novo tipo de questões, porque a biblioteca universitária é, também, quem a usa, acho até que podemos afirmar que é, acima de tudo, quem a usa, quem lá vai para ler, para descobrir, para investigar.

No final desta curta viagem pelo mundo da biblioteca universitária convidamos à leitura de uma passagem da obra *Bibliotecas, acesso*, sempre de Maria Luísa Cabral, admirável bibliotecária portuguesa, que em 1996, nessa publicação, escreveu e citou Umberto Eco da forma que se segue:

A força das tecnologias fascina-me e a única razão porque hesito em defender a “biblioteca virtual” não se prende pois com motivos de ordem tecnológica. Num nível puramente teórico, uma biblioteca que não disponha deste ou daquele título pode entrar numa rede que reúna todas as bibliotecas de uma região ou dum país (por exemplo Portugal) e rapidamente verificar se a biblioteca X tem o título em causa. O único senão poderá ser o facto de não ter sido ainda digitalizado, coisa de somenos. Digitalizado que esteja o seu acesso é fácil e a sua transmissão também. Esta é uma situação que se pode repetir vezes sem conta e estaremos a caminho da biblioteca virtual se nos colocarmos, obviamente, no lugar da biblioteca que solicitou o empréstimo. Pode dar-se contudo o caso da biblioteca que apenas dispõe da informação digitalizada, isto é, da biblioteca que corporiza a verdadeira edição eletrónica. O documento palpável não existe. Tudo decorre em suporte eletrónico aumentando a sua

visibilidade na relação direta do dinheiro disponível para lhe aceder. Essa é a autêntica biblioteca virtual, antagónica daqueloutra biblioteca descrita magistralmente por Eco: «[...] um dos mal-entendidos que dominam a noção de biblioteca é o facto de se pensar que se vai à biblioteca porque se quer um livro cujo título se conhece. Na verdade acontece muitas vezes ir-se à biblioteca porque se quer um livro cujo título se conhece, mas a principal função da biblioteca [...] é de descobrir livros de cuja existência não se suspeitava e que, todavia, se revelam extremamente importantes para nós. É certo que essa descoberta pode ter lugar desfolhando o catálogo, mas não há nada mais revelador e apaixonante do que explorar as estantes que reúnem possivelmente todos os livros sobre um determinado tema – coisa que, entretanto, não se poderia descobrir no catálogo de autores – e encontrar ao lado do livro que se tinha ido procurar, um outro livro que não se tinha ido procurar, mas que se revela fundamental. Ou seja, a função ideal de uma biblioteca é de ser um pouco como a loja do alfarrabista, algo onde se podem fazer verdadeiros achados, e esta função só pode ser permitida por meio do livre acesso aos corredores das estantes. (Eco, 1987: 28-29)

A biblioteca eletrónica falha esta vocação determinante e insubstituível. Codificada como ela se apresenta, põe em causa o espírito social característico do homem; tão fria e mecânica ela é que desumaniza os seus utilizadores.” (Cabral, 1996: 87-88)

## Referências

BROPHY, Peter (2005), *The academic library*, London, Facet Publishing

CABRAL, Maria Luísa (1996), *Bibliotecas, acesso, sempre*, Lisboa, Edições Colibri

CARVALHO, Luciana Moreira; SILVA, Armando Malheiro da (2009), *Impacto das tecnologias digitais nas bibliotecas universitárias: reflexões sobre o tema*. *Informação & Sociedade: estudos*, vol. 19, nº 3(2009), pp. 125-132

ECO, Umberto (1987), *A Biblioteca*, Lisboa, Difel

EURO-REFERENCIAL I-D (2005), Lisboa, Edições INCITE

MCKNIGHT, Sue, ed. (2010), *Envisioning future academic library services*, London, Facet Publishing

TENNANT, Roy, "Digital Libraries: academic library future", *Library Journal*, Dez. 2006, <http://www.libraryjournal.com/article/CA6396388.html> (acedido pela última vez a 19 de outubro de 2012)

THOMPSON, James (1984), *The end of libraries*, London, Clive Bingley